

Victor Hugo

# O CORCUNDA DE NOTRE DAME

EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

Tradução, apresentação e notas:  
Jorge Bastos



## LIVRO UM

### 1. O grande salão

Faz hoje trezentos e quarenta e oito anos, seis meses e dezenove dias que os parisienses foram acordados ao som de todos os sinos, a plenas badaladas, na área que compreendia a Cité, a Universidade e a Cidade.<sup>16</sup>

Aquele 6 de janeiro de 1482 não foi, porém, um dia do qual os historiadores tenham guardado qualquer recordação. Nada havia de notável no acontecimento que daquele jeito e já pela manhã agitava os sinos e os burgueses de Paris. Não se tratava de nenhum assalto armado de homens da Picardia ou da Borgonha,<sup>17</sup> nem de qualquer relicário levado em procissão ou de alguma revolta estudantil no vinhedo de Laas.<sup>18</sup> Menos ainda de um passeio do *nosso assim dito muito temido senhor, nosso rei*,<sup>19</sup> ou sequer do enforcamento de algum malfeitor ou malfeitores pela Justiça de Paris. Nada a ver também com a chegada, tão frequente no século XV, de alguma embaixada extravagante e empenachada. Fazia apenas dois dias que o último desfile desse tipo, dos emissários flamengos encarregados de concluir os acertos para o casamento do delfim com Margarida de Flandres,<sup>20</sup> tinha entrado em Paris, para infeli-

16. A área demarcada refere-se ao centro do poder, na ilha de la Cité, à Universidade, na margem esquerda do rio Sena, e à cidade propriamente dita, do lado direito. Victor Hugo vai constantemente usar essa divisão, seguindo mapas antigos de Paris.

17. Nessa época, fim do reinado de Luís XI, eram constantes as tensões com os diversos poderes vizinhos e sobretudo com Carlos o Temerário, duque de Borgonha, cujo domínio se estendia pela parte leste e nordeste da França atual, prolongando-se ainda pela Bélgica.

18. Nos arredores da atual rua Saint-André-des-Arts, o chamado território de Laas era coberto de vinhedos, que a Universidade e a abadia de Saint-Germain-des-Prés disputavam.

19. Victor Hugo às vezes (nem sempre) vai usar o itálico para assinalar a citação de algum documento de época, que ele raramente especifica. Aproveita sobretudo os detalhes pitorescos, com uma intenção contextualizadora.

20. O casamento do futuro rei Carlos VIII, então com doze anos de idade, e Margarida da Áustria (ou de Flandres), de três anos, filha de Maria de Borgonha, que sucedera a Carlos o Temerário. A união acabou não acontecendo.



Não era coisa simples penetrar naquele dia no salão, conhecido, entretanto, como o maior recinto coberto do mundo (é verdade que Sauval não havia ainda medido o grande salão do castelo de Montargis).<sup>25</sup> A praça do palácio, abarrotada de gente, oferecia aos curiosos às janelas o aspecto de um mar, no qual cinco ou seis ruas desembocavam como se fossem rios, vertendo constantes e renovados fluxos de cabeças. Vagas dessa multidão, incessantemente avolumadas, iam de encontro às casas, cujas esquinas se projetavam aqui e acolá como promontórios, na bacia irregular da praça. No centro da alta fachada gótica<sup>26</sup> do palácio, a grande escadaria se apresentava continuamente percorrida por uma dupla corrente nos dois sentidos, mas se quebrando no patamar intermediário e se espalhando em ondas mais largas pelas duas vertentes laterais. O fluxo dessa grande escadaria desaguava ininterruptamente, então, na praça, como uma cascata num lago. Gritos, risos, desordem de mil pés criavam enorme tumulto e imenso clamor.

De vez em quando essa vozearia e confusão redobravam, a corrente que empurrava toda aquela gente na direção da grande escadaria mudava de rumo, alvoroçava-se, turbilhonava. Era em protesto à grosseria de algum arqueiro ou cavaleiro da guarda do preboste, tentando restabelecer a ordem, numa admirável tradição que o preboste legou ao condestável, o condestável ao marechalato e o marechalato à nossa gendarmaria de Paris.

Portas, janelas, lucarnas e telhados formigavam com milhares de bons, calmos e honestos burgueses olhando o palácio, olhando o populacho e já se sentindo satisfeitos, pois muita gente em Paris se contenta com o espetáculo dos espectadores ou considera coisa já bem curiosa uma parede atrás da qual se passa algum evento. Se fosse dado a nós, homens de 1830, nos projetarmos em pensamento até aqueles parisienses do século XV e entrarmos com eles aos empurrões, trancos e cotoveladas no imenso salão do palácio, tão estreito naquele 6 de janeiro de 1482, o espetáculo não deixaria de apresentar interesse e encanto, e teríamos à nossa volta coisas tão antigas que elas nos pareceriam novíssimas.

Se assim permitir o leitor, vamos tentar recuperar em pensamento a impressão que então experimentaríamos, atravessando a soleira daquele grande salão, no meio da multidão que vestia tabardo, túnica e vasquinha.

25. *Histoire et recherches des antiquités de la ville de Paris* (1724), de Henri Sauval, é outra das principais fontes de Victor Hugo. O grande salão do castelo de Montargis, a 120km de Paris, foi parcialmente destruído por um incêndio em 1810 (assim como o do Palácio da Justiça, em 1618).

26. A palavra “gótico”, no sentido que em geral se emprega, é perfeitamente imprópria, mas perfeitamente consagrada. Nós a aceitamos assim e a adotamos, como todo mundo, para caracterizar a arquitetura da segunda metade da Idade Média, que tem na ogiva o seu princípio e sucede à arquitetura do primeiro período, que tem no pleno cimbrio seu motivo gerador. (Nota do autor)



trela de fogo, com um pé de largura e um côvado de altura, que caiu do céu, como todos sabem, bem em cima do palácio, em 7 de março, depois da meia-noite. A segunda se ilustra com a quadra de Théophile:

*Certes, ce fut un triste jeu  
Quand à Paris dame Justice,  
Pour avoir mangé trop d'épice,  
Se mit tout le palais en feu.*<sup>28</sup>

O que quer que se pense dessa tripla explicação política, física ou poética para o incêndio de 1618 do Palácio da Justiça, o único fato infelizmente certo é o incêndio. Hoje em dia resta muito pouco do antigo edifício, devido a essa catástrofe e, ainda mais, às diversas e sucessivas restaurações que terminaram com o que o incêndio havia poupado. Resta muito pouco daquela primeira moradia dos reis da França, daquele palácio anterior ao Louvre, já tão velho no tempo de Filipe o Belo que nele se procuravam traços dos magníficos edifícios levantados pelo rei Roberto e descritos por Helgaldus.<sup>29</sup> Quase tudo desapareceu. O que houve com o quarto da chancelaria, onde são Luís *consumou seu matrimônio*? E com o jardim em que ele dispensava justiça, “vestindo uma cota de *camelot*, um tabardo de tiritana sem mangas e um manto de cendal escuro, estendido em tapetes, na companhia de Joinville”?<sup>30</sup> Onde está o quarto do imperador Sigismundo? O de Carlos IV? O de João sem Terra? Onde está a escadaria em que Carlos VI promulgou seu édito de clemência? E a laje em que Marcel degolou, na presença do delfim, Robert de Clermont e o marechal de Champagne? O postigo através do qual foram rasgadas as bulas do antipapa Bento e de onde voltaram os que as haviam trazido, com capa e mitra de zombaria, obrigados a assim desfilarem por toda Paris? E o grande salão com sua douradura, seu azul, suas ogivas, suas estátuas, colunas e imensa abóbada inteiramente esculpida? E o quarto dourado? E o leão de pedra que vigiava à porta, agachado, de cabeça baixa e o rabo entre as pernas, como os leões do trono de Salomão, em atitude de humildade, como deve a força se colocar diante da justiça? E as belas portas? Os belos vitrais? As fechaduras cinzeladas que tanto custaram a Biscornette? E a delicada marcenaria de

28. Literalmente: “Verdade, foi um triste jogo/ Quando dama Justiça em Paris/ Por ter comido temperos mis/ Pôs todo o palácio em fogo.” O poeta e dramaturgo Théophile de Viau ocupou a mesma cela de François Ravaillac, assassino do rei Henrique IV da França.

29. O monge Helgaldus, que morreu por volta de 1048, escreveu uma pequena biografia (*Abrégé de la vie du roi Robert*) do rei Roberto o Piedoso, filho de Hugo Capeto.

30. Jean de Joinville foi amigo, conselheiro e biógrafo de Luís IX.

Du Hancy?...<sup>31</sup> O que fez o tempo, o que fizeram os homens de todas essas maravilhas? O que nos deram no lugar de tudo isso, de toda essa história gaulesa, de toda essa arte gótica? No tocante à arte, os pesados sarapanéis do sr. De Brosse, o bisonho arquiteto do portal Saint-Gervais, e, no referente à história, tagarelices na coluna central, vibrando ainda com o falatório dos símiles de Patru.<sup>32</sup>

Não chega a ser muito. Voltemos ao verdadeiro grande salão do verdadeiro antigo palácio.

As duas extremidades daquele gigantesco paralelogramo eram ocupadas, uma pela famosa mesa de mármore, comprida, larga e espessa como nunca se viu *semelhante fatia no mundo*, segundo os velhos documentos de contas feudais, num estilo de abrir o apetite de Gargântua;<sup>33</sup> outra pela capela em que Luís XI mandou que fizessem uma escultura sua, ajoelhado diante da Virgem, e para onde havia transportado, sem se preocupar com os dois nichos vazios que deixava na fileira das estátuas reais, as estátuas de Carlos Magno e são Luís, dois santos que ele achava terem muito crédito no céu, como reis da França.<sup>34</sup> Essa capela, ainda recente, construída há apenas seis anos, era toda naquele gosto encantador de arquitetura delicada, de escultura maravilhosa, de fina e profunda cinzeladura em seus pormenores, que marca entre nós o final da era gótica e se perpetua até a metade do século XVI, nas feéricas fantasias do Renascimento. A pequena rosácea recortada, aberta acima do

31. Os imperadores Sigismundo e Carlos IV, chefes do Sacro Império Romano Germânico, estiveram no palácio em 1416 e 1378, respectivamente. João I da Inglaterra foi alcunhado João sem Terra por não ter herdado nenhuma terra quando da morte de seu pai, Henrique II. Carlos VI da França transformou em multa a condenação dos insurgidos contra as pressões fiscais, em 1383. Rebelando-se contra o poder real, o preboste de Paris, Étienne Marcel, degolou Robert de Clermont e Jean Conflans, marechais da Normandia e da Champagne, diante do delfim, para intimidá-lo, por ocasião da crise do Tratado de Londres, que cedia à Inglaterra boa parte do território francês e pagava uma pesada quantia pelo resgate do rei João o Bom, derrotado e preso durante a Guerra dos Cem Anos (1337-1453). As bulas do antipapa Bento XIII, o segundo papa do Grande Cisma do Ocidente, foram rasgadas em 1408, em rejeição ao papado de Avignon Biscornette, ou Biscornet, que foi o mítico inventor do ferro fundido e teria feito pacto com o demônio para terminar as ferragens do portão principal de Notre Dame, no séc.XII ou XIII (ferragens que foram destruídas durante a Revolução Francesa e refeitas no séc.XIX). Du Hancy foi um célebre marceneiro sob Luís XII.

32. Jacques de Brosse, morto em 1627, além de “arquiteto do portal de Saint-Gervais” foi também encarregado, em 1622, da reconstrução do grande salão do Palácio, após o incêndio de 1618. Patru foi um célebre advogado do séc.XVII.

33. O gigante Gargântua, da obra-prima homônima do francês François Rabelais, erudito sacerdote (de fraca vocação religiosa) do séc.XVI. O livro, assim como a sua continuação, *Pantagruel*, foi por muito tempo proibido por obscenidade.

34. Luís XI, dito Luís o Prudente, reinou sobre a França de 1461 até sua morte; Carlos Magno chegou a ser canonizado pelo antipapa Pascal III, no séc.XII, sendo festejado no dia 28 de janeiro; sobre são Luís, ver nota 78.

portal, era uma particular obra-prima de leveza e graça, uma estrela de rendas, podia-se dizer.

No centro da sala, de frente para a porta principal, fora erguido um estrado coberto de brocado de ouro, encostado à parede, e nela um acesso particular, por meio de uma abertura no corredor do quarto dourado, que serviria para os enviados flamengos e outros personagens importantes convidados à representação do mistério.

Em cima da mesa de mármore é que, segundo a tradição, devia-se representar o mistério. Tinha sido preparada desde cedo. O rico tampo de mármore, todo riscado pelos saltos dos sapatos da gente do tribunal, suportava uma caixa de madeira de altura considerável, cuja superfície superior, visível para toda a sala, devia servir de teatro e o interior, oculto por cortinas, fazia as vezes de vestiário para os atores. Uma escada, ingenuamente apoiada do lado de fora, estabelecia a comunicação entre o palco e o vestiário, emprestando seus íngremes degraus para as entradas e saídas. Não havia personagem, por mais imprevisto, nem peripécia ou *coup de théâtre* que não tivesse que passar por essa escada. Inocente e venerável infância da arte e dos maquinismos!

Quatro guardas do bailio do palácio,<sup>35</sup> guardiões obrigatórios de todas as alegrias do povo em dias de festa ou de execução, mantinham-se de pé, nos quatro cantos da mesa de mármore.

Somente ao soar a décima segunda pancada do grande relógio do palácio a peça teria início. Era sem dúvida tarde para uma apresentação teatral, mas fora preciso levar em consideração a disponibilidade dos embaixadores.

No entanto, a multidão ali presente aguardava desde cedo. Muitos daqueles honestos curiosos tremiam de frio já ao amanhecer, diante do grande degrau do palácio. Alguns inclusive diziam ter passado a noite diante do portão, para estar entre os primeiros a entrar. A multidão crescia a cada instante e, como água que transborda, começava a escorrer junto às paredes, a se acumular em torno dos pilares, a se esparramar pelos entablamentos, pelas cornijas, pelos apoios das janelas, por todas as saliências da arquitetura e todos os relevos da escultura. Também pelo incômodo, impaciência, tédio e descontração de um dia de ousadias e loucuras, brigas explodiam a qualquer pretexto, por um cotovelo mais pontudo, um sapato com chapa de ferro, pelo cansaço da longa espera; tudo isso já emprestava, bem antes da hora em que os embaixadores deviam chegar, um tom áspero e amargo ao clamor daquela gente ali apertada, enclaustrada, pisoteada, abafada. Ouviam-se muitas queixas e imprecações contra os flamengos, assim como contra o preboste dos

35. Espécie de oficial de justiça e policial, os bailios eram magistrados designados nas áreas da justiça, das finanças e da administração. Na Paris medieval, contavam-se ao todo doze diferentes bailios.



comerciantes, o cardeal de Bourbon, o bailio do palácio, dona Margarida da Áustria, os guardas com chibata, o frio, o calor, o mau tempo, o bispo de Paris, o papa dos bufos, as colunas, as estátuas, a porta fechada e a janela aberta. Tudo isso para a grande diversão de bandos de estudantes e serviçais dispersos na massa, misturando a todo aquele descontentamento mil zombarias e astúcias, alfinetando, por assim dizer, o mau humor geral.

Chamavam a atenção uns alegres endiabrados que, depois de forçar o vidro de uma janela, estavam tranquilamente sentados no entablamento e dali alternavam olhares e zombarias entre o interior e o exterior, entre a multidão da sala e a multidão da praça. Pelas imitações que faziam, pelos risos altos, pelos gritos debochados que trocavam com os colegas de um extremo a outro do salão, era fácil imaginar que aqueles jovens não sentiam o mesmo tédio e cansaço do resto dos espectadores e perfeitamente extraíam, do que tinham em volta, um espetáculo que os permitia esperar com paciência pelo outro.

— Por minha alma, é você, *Joannes Frollo de Molendino*! — gritou um deles a uma espécie de azougue de bonita e animada aparência, agarrado nos acantos de um capitel. — Tem mesmo um nome bem escolhido, Jehan du Moulin, pois seus braços e pernas mais parecem quatro pás batendo ao vento. Desde quando está aqui?<sup>36</sup>

— Pela misericórdia do diabo — respondeu Joannes Frollo —, há mais de quatro horas, e espero que me sejam descontadas do tempo que eu for passar no purgatório. Cheguei a ouvir os oito chantres do rei da Sicília entoando o primeiro verseto da grande missa das sete horas na Sainte-Chapelle.

— Bons chantres — acrescentou o outro —, e com voz ainda mais afiada do que a ponta do boné que usam! Em vez de instituir uma missa para o venerável são João, o rei deveria ter se informado se ao venerável são João agrada o latim salmodiado com sotaque provençal.

— Foi para dar emprego a esses malditos chantres do rei da Sicília que se inventou isso! — gritou asperamente uma velha na multidão sob a janela. — Vejam só! Mil libras parisis por missa!<sup>37</sup> E tiradas dos vendedores de peixes de água salgada do Halles de Paris, ainda por cima!<sup>38</sup>

36. Era comum entre os mais cultos latinizar os nomes próprios. Du Moulin tornou-se um sobrenome bastante comum e significa “do Moinho”, donde as quatro pás batendo ao vento (veremos, no entanto, não ser propriamente um nome de família).

37. A libra parisis valia cerca de 20% mais que a libra tournois, mais comum no Antigo Regime francês.

38. O Halles era o grande mercado atacadista de frutas, legumes e carnes diversas que funcionou no centro de Paris até a década de 1970. Dados práticos, como essa taxa para a missa paga pelos “vendedores de peixes de água salgada”, são em geral exatos, tirados sobretudo de *La chronique scandaleuse*.



— Por minha alma, é você, Joannes Frollo de Molendino!

— Paz, velha! — emendou um gordo e careca personagem que tapava o nariz ao lado da vendedora de peixe. — Era preciso criar uma missa. Queria que nosso rei voltasse a ficar doente?

— Muito bem lembrado, dom Gilles Lecornu, mestre peleiro das roupas do rei! — gritou o estudante de cima do capitel.

Uma onda de riso de todos os colegas acompanhou o anúncio do nome infeliz do pobre peleiro das roupas do rei.<sup>39</sup>

---

39. *Lecornu* significa “o cornudo”, mas o nome não é incomum.

— Lecornu! Gilles Lecornu! — repetiam uns.

— *Cornutus et hirsutus* — acrescentou um outro.<sup>40</sup>

— Isso mesmo! É bem possível — continuou o demônio do capitel. — De que estão rindo? Honorável sr. Gilles Lecornu, irmão de mestre Jehan Lecornu, preboste da residência real, filho de mestre Mahiet Lecornu, principal porteiro do bosque de Vincennes, todos bons burgueses de Paris, todos casados, de geração em geração!

A alegria geral só fez aumentar. O gordo peleiro, sem nada dizer, tentava escapar dos olhares que vinham de todos os cantos, pregados nele, mas suave e se esbaforia em vão. Como uma cunha se enfiando na madeira, os esforços que fazia fixavam ainda mais, nas impressões de todos ao redor, seu rosto largo e apoplético, roxo de indignação e raiva.

Por fim, uma dessas pessoas, alguém como ele gordo, atarracado e venerável, quis ajudar.

— Abominação! Estudantes falando dessa maneira a um burguês! No meu tempo, seriam vergastados com varas que serviriam em seguida para queimá-los.

O bando inteiro se animou.

— Eieiei! Quem está cantando agora? Quem é essa coruja da desgraça?

— Ah! Eu sei — disse alguém. — É mestre Andry Musnier.

— É um dos quatro livreiros juramentados da Universidade! — disse outro.

— Tudo funciona por quatro nesse negócio — gritou um terceiro. — Quatro nações, quatro faculdades, quatro festas, quatro procuradores, quatro eleitores, quatro livreiros.<sup>41</sup>

— Muito bem — disse Jehan Frollo —, vamos acrescentar o diabo ao quádruplo.

— Musnier, vamos queimar seus livros.

— Musnier, vamos espancar seu criado.

— Musnier, vamos cuidar da sua mulher.

— A boa e gorda sra. Oudarde.

— Que é viçosa e alegre como se viúva fosse.

— Que o diabo os carregue! — resmungou mestre Andry Musnier.

— Mestre Andry — voltou Jehan, ainda dependurado no capitel —, se não se calar, caio em cima da sua cabeça.

40. “Cornudo e hirsuto”, em latim no original.

41. Os estudantes das quatro faculdades — arte, direito, medicina e teologia — se dividiam em quatro “nações”: França, Picardia, Normandia e Alemanha, cada uma encabeçada por um procurador. Quatro eleitores, escolhidos pelas quatro nações, elegiam o reitor. As quatro festas comemoradas pelos estudantes eram Reis, são Martinho, santa Catarina e são Nicolau. O cargo de livreiro juramentado consistia em transcrever e produzir cópias de livros (antes da difusão da imprensa).

Mestre Andry ergueu os olhos, pareceu por um momento medir a altura da coluna, o peso gravitacional do engraçadinho, multiplicou mentalmente esse peso pelo quadrado da velocidade e preferiu se calar.

Jehan, sentindo-se dono do campo de batalha, continuou, em triunfo:

— Pois posso muito bem fazer isso, apesar de irmão de um arqui-diácono!

— Belos senhores esses da nossa Universidade! Nem respeitam nossos privilégios num dia como o de hoje! Temos árvore de maio e fogueira festiva na Cidade, mistério, papa dos bufos e embaixadores flamengos na Cité; e nada na Universidade!

— E olha que a praça Maubert é bem grande! — retomou um dos estudantes, com lugar no peitoril da janela.

— Abaixo o reitor, os eleitores e os procuradores! — gritou Joannes.

— Vamos fazer uma fogueira essa noite no Champ-Gaillard —<sup>42</sup> continuou um colega — com os livros do mestre Andry.

— E as escrivainhas dos copistas! — disse quem estava ao lado.

— E as vergastas dos bedéis!

— E as escarradeiras dos decanos!

— E as mesas em que comem os procuradores!

— E as despensas dos eleitores!

— E os escabelos do reitor!

— Abaixo! — insistiu Jehan em falsete. — Abaixo mestre Andry, os bedéis e os copistas. Abaixo os teólogos, os médicos e os fazedores de decretos, os procuradores, os eleitores e o reitor!

— É o fim do mundo! — murmurou mestre Andry, tapando os ouvidos.

— E, aliás, por falar no reitor! Vejam quem está passando ali na praça — gritou um dos que se sentavam à janela.

Quem pôde olhou para a praça.

— Será realmente nosso venerando reitor, mestre Thibaut? — perguntou Jehan Frollo du Moulin que, agarrado a um pilar do interior, não podia ver o que se passava fora.

— É ele sim — responderam os demais —, é ele, em pessoa, mestre Thibaut, o reitor.

De fato, era o reitor e todos os dignitários da Universidade que se dirigiam em procissão ao encontro da embaixada e, naquele momento, o grupo atravessava a praça do Palácio. Os estudantes, grudados à janela, os aclamaram com sarcasmos e aplausos irônicos. O reitor, à frente da comitiva, foi quem recebeu o primeiro ataque, que foi rude.

— Bom dia, sr. reitor! Eieiei! Bom dia!

— Por que esse velho jogador está aqui? Deixou a mesa de dados?

42. O Champ-Gaillard já era citado por Rabelais como um espaço aberto, para festejos estudantis.



— É uma injustiça — concordaram todos os estudantes. — Abaixo o chanceler de Sainte-Geneviève.

— Uuh! Mestre Joachim de Ladehors! Uuh! Louis Dahuille! Uuh! Lambert Hoctement!<sup>51</sup>

— Que o diabo sufoque o procurador da nação da Alemanha!

— E os capelães da Sainte-Chapelle, com seus gorros cinzentos; *cum tunicis grisis!*<sup>52</sup>

— *Seu de pellibus grisis fourratis!*<sup>53</sup>

— Eieiei! Mestres nas artes! Todas essas belas capas pretas! Todas essas belas capas vermelhas!

— Formam um belo rabo para o reitor.

— É como um duque de Veneza indo se casar com o mar.<sup>54</sup>

— Diga aí, Jehan! Os cônegos de Sainte-Geneviève!

— Aos diabos os cônegos!

— Abade Claude Choart! Doutor Claude Choart! Está procurando Marie la Giffarde?

— Está na rua de Glatigny.<sup>55</sup>

— Faz a cama do rei dos libidinosos.

— Paga seus quatro denários; *quatuor denarios...*

— *Aut unum bombum.*<sup>56</sup>

— Ela paga ao seu nariz?

— Colegas! Mestre Simon Sanguin, o eleitor de Picardia, com sua mulher na garupa.

— *Post equitem sedet atra cura.*<sup>57</sup>

— Valoroso mestre Simon!

— Bom dia, sr. eleitor!

— Boa noite, sra. eleitora!

— Felizes que são de assistir a tudo isso — dizia, entre suspiros, Joannes de Molendino, ainda trepado nas folhas de seu capitel.

Nesse ínterim, o livreiro juramentado da Universidade, mestre Andry Musnier, se aproximou do ouvido do peleiro das roupas do rei, mestre Gilles Lecornu:

51. De modo geral, os nomes próprios utilizados no romance vêm das fontes consultadas por Victor Hugo e são frequentemente escolhidos pelas sonoridades ambíguas.

52. “Com suas túnicas cinza!”, em latim no original.

53. “Ou forradas de pele cinza!”, em latim no original.

54. O doge de Veneza lançava ao mar um anel de ouro, declarando suas núpcias.

55. A rua de Glatigny era o lugar da prostituição mais cara de Paris. A menção ao rei dos libidinosos que vem a seguir deve-se ao fato de se cobrar das prostitutas um tributo, para que pudessem seguir a corte em suas viagens.

56. “Quatro denários/ ou um pum”, em latim no original.

57. “Atrás do cavaleiro vem a negra preocupação” (Horácio, *Odes*, III, I), em latim no original.

— Repito, cavalheiro, é o fim do mundo. Jamais se viram semelhantes extravagâncias da estudantada. São as malditas invenções do século que põem tudo a perder. A artilharia, o cão dos arcabuzes, as bombardas e, principalmente, a impressão, essa outra peste da Alemanha. É o fim dos manuscritos, dos livros! A impressão destrói o livro. É o fim do mundo que se aproxima.

— Percebo o mesmo pelos progressos das estolas de veludo — disse o negociante de peles.

Souo meio-dia, nesse momento.

— Aaaah! — exclamou a multidão em uníssono.

Os estudantes se calaram. Seguiu-se uma grande agitação, uma grande movimentação de pés e cabeças, uma explosão geral de tosses e de lenços. Cada um se ajeitava, se posicionava, se endireitava, se agrupava. Depois, um grande silêncio. Todos os pescoços se esticaram, todas as bocas se abriram, todos os olhares voltados para a mesa de mármore. Nada apareceu. Os quatro guardas do bailio continuavam a postos, empertigados e imóveis como quatro estátuas pintadas. Todos os rostos se viraram para o estrado reservado aos enviados flamengos. A porta continuava fechada e o estrado vazio. Desde a manhã a multidão esperava três coisas: que soasse meio-dia, que chegasse a embaixada de Flandres, que começasse o mistério. Apenas o meio-dia havia chegado à hora certa.

Ou seja, era um abuso!

Esperaram-se um, dois, três, cinco minutos, um quarto de hora... e nada aconteceu. O estrado permanecia vazio, o teatro mudo. Assim sendo, à impaciência sucedeu a cólera. Palavras de irritação começaram a circular, é verdade que ainda a voz baixa.

— O mistério! O mistério! — murmurava-se surdamente.

As cabeças fervilhavam. Uma tempestade, que por enquanto apenas se preparava, pairava sobre a multidão. Foi Jehan du Moulin a provocar a primeira faísca.

— O mistério! Que se danem os flamengos! — gritou ele com toda a força de seus pulmões, enroscando-se como uma serpente em torno do capitel.

A multidão bateu palmas.

— O mistério! — repetiram. — E Flandres aos diabos!

— Queremos o mistério agora — retomou o estudante —, ou sugiro que se enforque o bailio do palácio, à guisa de comédia e de moralidade.<sup>58</sup>

— Muito bem! — exclamou o povo — E vamos começar enforcando os seus guardas.

Uma grande aclamação acompanhou a sugestão. Os quatro pobres-diabos, já ficando pálidos, se entreolharam. As pessoas se movimentavam na

---

58. Moralidade era um gênero com maior elaboração de caracteres que o mistério, pondo frequentemente em cena vícios e virtudes, em luta pela posse da alma humana.



direção deles, que viam a frágil balastrada de madeira que os separava se inclinar, já prestes a ceder, sob a pressão da turba.

O momento era crítico.

— Ao ataque! Ao ataque! — gritavam de todo lugar.

Nesse instante, a cortina do vestiário que descrevemos anteriormente se ergueu, dando passagem a um personagem cuja presença bastou para que a multidão bruscamente se acalmasse, com a cólera se transformando, como por encanto, em curiosidade.

— Silêncio! Silêncio! — gritava-se de todos os lados.

O personagem, hesitante e trêmulo dos pés à cabeça, avançou até a beirada da mesa de mármore, exagerando as reverências que, na medida em que se aproximava, pareciam cada vez mais genuflexões.

No entanto, a calma pouco a pouco se estabelecera. Restava apenas aquele ligeiro rumor que sempre escapa do silêncio da multidão.

— Srs. burgueses — disse ele — e srtas. burguesas, teremos a honra de declamar e representar diante de Sua Eminência, o sr. cardeal, uma mui bela moralidade chamada: *O bom discernimento da senhora Virgem Maria*. Representarei Júpiter. Sua Eminência acompanha, nesse momento, a honorabilíssima embaixada do sr. duque da Áustria que, a esta hora, está ainda a ouvir a arenga do sr. reitor da Universidade de Paris, à porta Baudets. Assim que o eminentíssimo cardeal chegar, daremos início ao espetáculo.

Com certeza foi necessária a intervenção de ninguém menos que Júpiter para salvar os quatro infelizes guardas do bailio do palácio. Se tivéssemos a felicidade de ter inventado essa tão verídica história e, conseqüentemente, recaísse sobre nossos ombros, perante a sagrada Crítica, tal responsabilidade, não se poderia contra nós evocar o preceito clássico: *Nec deus intersit*.<sup>59</sup> Além disso, os trajes do sr. Júpiter eram muito bonitos e muito contribuíram para acalmar a multidão, atraindo toda atenção. Júpiter estava vestindo uma espécie de couraça de veludo preto com tachas douradas, tinha na cabeça um gorro de feltro com botões de metal dourado e, não fosse o tom vermelho e a barba espessa que cobriam as duas metades do seu rosto, não fosse o cilindro de papelão dourado que trazia nas mãos, no qual os observadores mais experientes podiam reconhecer o raio, pois todo enfeitado com fitas brilhantes, não fossem seus pés de pele clara e amarrados com tiras à moda grega, Júpiter seria facilmente comparável, pela severidade da impressão causada, a um arqueiro bretão da tropa do sr. de Berry.<sup>60</sup>

59. “Nada de intervenção divina” (Horácio, *Arte poética*, 191), em latim no original.

60. Carlos de France, duque de Berry, era irmão de Luís XI.